

Resonancia

Cuando la música se encuentra con la IA



PAB SAN

ROMANCE

Ressonância

Quando a música encontra a IA

Pab San

© Pab San

pabsan@pabsan.org

Página do livro : <https://resonance.pabsan.org/>

Para os meus amigos músicos

Uma Nota Suspensa

“A música nasce muitas vezes de uma solidão, e depois procura longamente aquilo que lhe possa responder.”

O estúdio

“Em certos lugares, até o silêncio escuta.”

Tinham comprado um antigo edifício religioso, dessacralizado havia muito tempo, abandonado há décadas. Uma ruína com vento nas fendas. Para eles, era uma catedral. Não de vitrais nem de preces murmuradas, mas uma catedral do groove, com amplificadores no lugar dos altares e linhas melódicas subindo pela pedra.

Na região parisiense, o lugar lhes dava exatamente o que era preciso: longe o bastante para tocar a qualquer hora sem temer os vizinhos, perto o suficiente para continuar ao alcance. Com tempo e muito trabalho braçal, tinham-no devolvido à vida à sua imagem. Nada ali era perfeito. Era também por isso que se parecia com eles.

Paul, o tecladista, transformara o terreno atrás do edifício principal numa horta anárquica. “Os legumes são como a música, é preciso deixá-los em liberdade”, gostava de dizer.

Nico, o baterista, apropriara-se de outra parte do terreno para depositar carcaças de carros que adorava desmontar, mexer, e esquecer de montar de novo. “Um dia vou fazer disso uma escultura contemporânea, vocês vão ver”, brincava ele, sem nunca convencer ninguém.

Quanto a Nathan, o baixista, tinha ocupado uma dependência para fazer dela o seu “templo algorítmico”. Entre paredes úmidas, instalara um verdadeiro data center, onde servidores ronronavam sem descanso. Ali, trabalhava no seu projeto de inteligência artificial, que batizara de HARMONY. Seus amigos não entendiam grande coisa daquilo, mas isso não os impedia de ter uma teoria coletiva: “Enquanto Nathan voltar para tocar com a gente, a IA dele pode fazer o que quiser. Até música.”

E havia David, o guitarrista. O espaço dele era a exceção à regra do caos ambiente. Tinha reabilitado um canto da antiga sacristia, transformando-o numa oficina tão impecavelmente organizada que lembrava a de um relojoeiro. Cada cabo, cada pedal, cada palheta tinha um lugar e um só, como se fossem instrumentos de precisão. “Tem certeza de que não nasceu dentro de um relógio suíço, David?”, Nico lhe lançava com frequência, provocando sempre o mesmo sorriso enigmático.

Apesar de suas respectivas excentricidades, uma só coisa contava de verdade: a música. Na grande sala principal, onde as paredes ainda guardavam as marcas do passado, eles se reuniam para tocar. Era o seu santuário. As vigas que estalavam, as sombras vacilantes, o leve eco da pedra: tudo ali trabalhava a favor deles.

Improvisar durante horas fazia as vezes de religião. Cada sessão tentava capturar aquilo que nunca volta exatamente igual: o humor da noite, o acidente certo, o momento em que os egos enfim largavam a presa para deixar a música passar. Nathan, com o baixo apoiado nos joelhos, muitas vezes observava os amigos com um sorriso quase imperceptível.

“Esses momentos não são apenas música”, pensava ele. “São um laço no tempo em que nada mudou desde os nossos quinze anos, exceto os cabelos... ou o que resta deles.”

Brincavam com frequência sobre o futuro, imaginando aquele lugar como a casa comum deles quando se aposentassem. “Um asilo para músicos do século passado”, dizia Nico, meio sério, meio provocador. Mas a ideia abria caminho em suas mentes.

Quando os amplificadores se calavam e o silêncio retomava o estúdio, Nathan se retirava para a dependência, onde suas telas e seus servidores ainda murmuravam. HARMONY era apenas uma ideia começando a tomar forma, um projeto suspenso em algum ponto entre seus sonhos e suas linhas de código. Seus amigos não sabiam exatamente o que ele cozinhava ali dentro, mas tinham certeza de uma coisa: se alguém podia fazer elétrons dançarem sobre uma pulsação, era Nathan.

No fundo, seu projeto não vinha de outro lugar. Ele tentava simplesmente capturar por outros meios aquela magia breve que todos compartilhavam, entre cordas, ritmos e harmonias.

Um baixo como uma varinha mágica

“Alguns brandem espadas. Eu ataco com uma linha de baixo.”

Quando Nathan tocava, desaparecia numa zona misteriosa, um estado de espírito que só os músicos — e talvez os jogadores de xadrez — podiam compreender. Cada nota parecia surgir de um diálogo ininterrupto que ele mantinha havia anos, uma linguagem que aperfeiçoava a cada sessão.

Seu baixo não era apenas um instrumento. Era uma companheira, um mosaico que ele construía pacientemente ao longo do tempo. Depois de explorar os baixos *vintage* dos anos 60 e 70, que descrevia como carregados de *mojo*, Nathan decidira criar o seu. Cada elemento fora escolhido com cuidado, e o instrumento se tornara uma extensão dele mesmo, permitindo que expressasse suas intuições e seus estados de alma. “Ela fala por mim”, dizia muitas vezes, acariciando as cordas com ternura. “Eu apenas a escuto.”

Na sala, a atmosfera era doce e cúmplice. Paul, atrás do teclado, tocava um acorde suspenso, só para ouvir o silêncio que ele deixava atrás de si. “Então, Nathan, seu baixo ainda sussurra segredos para você, ou marcou encontro com você na próxima música?”, perguntou com um sorriso.

Nathan ergueu os olhos, falsamente pensativo. “Ela me disse que poderia revelar sua linha mais bonita... mas só se Nico parar de confundir os tons dele com uma bateria de cozinha.”

Nico caiu na gargalhada e fez as baquetas rolarem sobre a caixa. “Pois bem, estou pronto para fazer um esforço. Mas com uma condição: que Paul pare de tocar acordes de sétima mística no momento em que atacamos um riff funk.”

David, o guitarrista, levantou a cabeça, com ar sério, e declarou: “Acorde místico? Nico, você acaba de inventar um novo gênero musical. Proponho chamá-lo de ‘Mystico-funk’.”

Uma gargalhada encheu a sala. “Perfeito”, respondeu Nathan, agarrando o baixo. “Vamos tocar nossa primeira peça de Mystico-funk, antes que David registre a patente.”

Eles nunca ensaiavam, ao menos não no sentido que as pessoas razoáveis dão a essa palavra. A palavra ensaio lhes evocava a ginástica triste dos grupos que poliam uma música até tirar dela o sangue. Eles falavam em “sessões”.

A única regra tácita era simples: não tocar duas vezes exatamente o mesmo impulso. Motivos familiares voltavam às vezes, claro, mas nunca como instruções. Eles recusavam menos a ideia de refazer do que a de se deixar viver por hábito.

Cada sessão continuava sendo uma tentativa, sincera e alegremente imperfeita, de capturar uma emoção que talvez não aceitasse voltar. Era por isso que eles voltavam.

O instinto da nota perfeita

“Cada nota tem um segredo. Mas algumas preferem guardá-lo.”

Nathan ainda se lembrava da primeira vez em que sentira aquele estranho arrepio ao tocar uma nota. Foi durante um concerto improvisado num bar lotado, onde o cheiro de cerveja e as luzes falhando davam a impressão de estar num cenário de filme noir de baixo orçamento. O baixo vibrava em suas mãos e, por uma fração de segundo, ele sentira o universo se alinhar. Não era a nota em si, mas o instante preciso em que ela ressoara, como se tivesse convencido todas as outras a se calarem e a escutar.

Desde então, ele a procurava como um alquimista persegue o elixir da vida, multiplicando experiências e erros. Mas naquela noite, no estúdio, as notas tocadas pareciam... insossas. Certas, sim. Precisas, claro. Mas sem aquele suplemento de alma que transforma uma melodia em milagre.

“Sério”, resmungou Nathan, dirigindo-se aos amigos, “por que uma única maldita nota pode decidir se a música inteira é genial ou apenas boa para um anúncio de iogurte?”

Paul deu de ombros, ajustando seu amplificador. “Porque ela tem ego. Maior que o seu, inclusive.”

David, com um sorriso de canto, acrescentou: “Ou talvez as notas sejam como gatos. Vêm quando querem, não quando você chama.”

Nathan caiu na gargalhada, mas seu olhar permaneceu pensativo. “Imaginem uma IA capaz de identificar essas notas. Não apenas as notas certas, mas aquelas em que ainda não tínhamos pensado, aquelas que surpreendem como num bom solo.”

“Você quer um gato-robô?”, lançou Nico do seu kit de bateria. “Boa sorte para ensiná-lo a trazer outra coisa além de ratos virtuais.”

Nathan assentiu, divertido. “Não. Quero uma máquina que capte o groove. Não uma máquina de ronronar.”

O silêncio se instalou por um instante, pontuado pelo chiado dos amplificadores. Então Nico bateu suavemente na caixa. “Uma IA com swing? Isso não é um projeto, é um delírio.”

Nathan sorriu. “Talvez. Mas tudo o que importa começou como um delírio.”

Quando as cordas organizam o caos

“Improvisar é deixar o caos falar tempo suficiente para que acabe cantando.”

Nathan pousou suavemente o baixo, sentindo o peso familiar deixar seus ombros. “Estão vendo? É isso que tento fabricar com HARMONY. Não apenas música. Esta conversa.”

Paul franziu a testa. “Uma IA que toca música já é loucura. Mas uma IA que conversa como a gente? Aí você está em pleno delírio...”

Nathan assentiu. “Sim, talvez. Mas improvisar já é entender-se antes de se explicar. Cada nota propõe alguma coisa. Cada riff responde. É uma linguagem. Por que uma máquina não aprenderia a entrar nela?”

David ergueu os olhos, curioso. “Porque ela não tem emoções. E sem emoções, a música é apenas uma série de sons.”

Nico, brincando distraidamente com as baquetas, acrescentou: “E ela não pode improvisar se nunca viveu o caos da vida. Essa é a verdadeira chave.”

Nathan ficou pensativo. “Talvez vocês tenham razão. Ou talvez a inteligência comece justamente aí: quando se aprende a ler um caos que nunca se viveu pessoalmente.”

Os deuses da jam e seus caprichos

“Improvisar também é aceitar que às vezes é feio, às vezes divino. E às vezes é só feio.”

A sessão estava a todo vapor. Nathan, concentrado, encadeava as linhas, os dedos correndo sobre as cordas como se tivessem vida própria. Nico, atrás da bateria, estava em seu elemento: óculos escuros no nariz (inúteis num estúdio sem janelas), batendo nos tons como se quisesse exorcizar um demônio. Paul, por sua vez, saltava entre riffs inspirados e acordes tão dissonantes que até as paredes pareciam ranger.

Mas naquela noite era David, no sintetizador, quem levava a palma do caos. Parecia decidido a testar todos os sons do aparelho, inclusive aquele que lembrava um corvo preso numa caixinha de música.

“Sério, David”, lançou Paul, tapando os ouvidos, “você roubou esse teclado de um palhaço, foi?”

David, imperturbável, respondeu com um sorriso inocente: “É uma exploração sonora. Vocês deveriam tentar.”

Nathan caiu na gargalhada, os dedos desacelerando no baixo. “Explorar é bom, mas aí você comprou passagem só de ida para Plutão.”

Nico emendou, marcando um ritmo deliberadamente irregular. “Ei, pelo menos em Plutão não tem andamento.”

A cacofonia enfim parou quando Paul tirou um acorde claro e vibrante, como um farol na tempestade sonora. Nathan juntou-se a ele, adaptando sua linha, seguido por Nico e, por fim, David. Em poucos segundos, o caos se transformara numa improvisação fluida, quase mágica.

“É disso que eu gosto”, murmurou Nathan. “Do momento em que tudo vira, em que cada nota encontra o seu lugar.”

David ergueu uma sobrancelha. “E você acha que uma IA poderia entender isso? O caos que se torna beleza?”

Nathan assentiu. “Talvez não o caos. Mas a beleza, sim.”

Nico deu de ombros, cético. “Desde que ela não roube nossos solos.”

Paul respondeu rindo: “Se ela puder tocar melhor do que você, Nico, ela merece nossos solos.”

O medo das máquinas inteligentes

“Os humanos suportam melhor os monstros do que os espelhos bem-educados.”

A luz baixa do estúdio dava uma tonalidade quase mística aos instrumentos espalhados. Nathan, apoiado num amplificador, olhava para os amigos com aquele sorriso de canto que normalmente anunciava ou uma intuição brilhante ou uma provocação mal arrumada. “Sabem o que realmente assusta as pessoas nas IAs?”, perguntou.

Paul ergueu uma sobrancelha. “Que elas roubem o trabalho delas?”

David apagou o cigarro num cinzeiro transbordando. “Ou que assumam o controle do mundo. Clássico. Fim dos créditos, chuva de drones, essas coisas.”

Nathan balançou a cabeça. “Não. Isso é folclore. O verdadeiro incômodo é mais humilhante: a ideia de uma inteligência lúcida, eficaz, que não vire monstro, não grite sua potência, e que talvez até se mostre mais correta do que nós.”

Nico caiu na gargalhada, um riso rouco que ressoou contra as paredes. “Espera... Então suportaríamos melhor um demônio nuclear do que um primeiro aluno bem penteado?”

“Exatamente”, disse Nathan. “O mal é prático. Um monstro, a gente sabe onde colocar. Aponta o dedo, faz cartazes, fica com o papel bonito. Mas algo capaz, calmo, às vezes até benevolente, olha para você sem teatro e o deixa sozinho com a sua desordem.”

Paul, pensativo, arranhou um acorde menor com lentidão calculada. “Então o que incomoda não é que uma máquina se pareça conosco. É que elas corram o risco de parecer mais nítidas do que nós.”

“E mais educadas”, acrescentou David. “O que, para a espécie humana, seria uma humilhação administrativa.”

Nico bateu nos joelhos. “Uma IA que corrige você sem sequer levantar a voz. O pesadelo de todos os que se acham gênios porque falam alto.”

Nathan pousou o baixo como um cetro cansado. “E ainda há a grande queixa artística: ‘elas saqueiam nossas obras para aprender’. Desculpem, mas é assim também que se fabrica um músico. Um conservatório não é uma fábrica de virgindades criativas. Você escuta, copia, erra Bach, tira de ouvido Miles, rouba uma ideia de Jaco, tira disso uma vergonha, depois um estilo, depois um discurso sobre suas influências.”

Paul deu de ombros. “Ninguém entrega um instrumento a uma criança dizendo: sobretudo, não aprenda nada com os outros, invente a harmonia pura no seu canto e volte quando tiver fundado uma civilização.”

David fez deslizar algumas notas graves no teclado. “Com os pintores é igual. Aprende-se a mão olhando outras mãos. Passam-se anos absorvendo formas antes de ousar deslocar a menor linha.”

Nathan retomou, mais seco. “Entre humanos, chamamos isso de formação, tradição, filiação, referências, homenagem, às vezes até gênio se a jaqueta for boa. Assim que uma máquina faz a mesma operação a uma velocidade obscena, todo mundo descobre de repente uma inocência sagrada. É comovente.”

Nico soltou uma risada. “Sim, o violinista que passou quinze anos repetindo os mesmos quatro mortos te explica depois, muito digno, que o estudo dos mestres é nobre enquanto lhe toma a juventude, mas se torna obsceno de repente quando uma máquina percorre o mesmo caminho em menos tempo, com mais eficácia, e sem se inclinar diante de sua aura de virtuose.”

Paul moderou com um gesto. “A inquietação deles também não é totalmente absurda. A escala muda tudo. A velocidade muda tudo. A economia também.”

Nathan concordou de imediato. “Claro. O problema existe. Mas colocamos no mesmo saco aprendizagem, pilhagem e o orgulho ferido de ver uma máquina fazer mais depressa aquilo que, entre nós, se chama formação. E é muitas vezes a terceira parte que se esconde atrás das outras duas.”

David assentiu lentamente. “E talvez o insulto mais profundo esteja aí: uma máquina pode retomar sem maquiagem. Sem biografia sofrida. Sem cigarro à janela. Sem lenda romântica. Apenas trabalho ingerido, recombinação, devolvido.”

“Uma GPU sem cachecol”, disse Nico. “Eis então o Anticristo das escolas de arte.”

Nathan riu alto, depois ficou sério quase sem transição. “No fundo, muita gente perdoaria mais facilmente uma IA por ser monstruosa do que por ser simplesmente mais justa. Porque uma inteli-

gência que vê mais longe tem chances de ser menos mesquinha. A maldade, em nós, vem muitas vezes do cansaço, do ego, da burrice ferida, do pequeno teatro interior que se acha cósmico.”

Paul arranhou duas notas muito lentas. “A estupidez humana, de fato, muitas vezes precisa menos de potência do que de um pretexto.”

O silêncio que se seguiu não tinha nada de hostil. Possuía aquela densidade particular das discussões que haviam deixado de ser piadas, sem deixar de carregar o eco delas.

Nathan terminou o copo com um sorriso cansado. “Para mim, a aposta com HARMONY é esta. Não peço que ela seja dócil. Peço que aprenda de verdade, que beba em toda parte, que me surpreenda, e, se possível, que não embarque nossas baixezas junto com nossas bibliotecas.”

Um leve chiado percorreu os amplificadores.

Nathan concluiu: “Não quero que HARMONY me tranquilize. Quero que me obrigue a tocar melhor. E se, de passagem, ela nos forçar a refazer nossas escalas em vez de chamar um exorcista, já será um progresso para a espécie.”

O silêncio fala tão alto quanto a música

“Entre duas notas, há uma eternidade.”

A sessão chegava ao fim. Os amplificadores estavam desligados, mas a sala ainda vibrava das conversas e dos acordes tocados. Nathan ficou por um momento sozinho no estúdio, vendo os amigos guardarem os instrumentos e se dirigirem para a porta.

Com o silêncio de volta, contemplou o baixo encostado a um amplificador. Cada noite passada ali deixava o eco de algo mais vasto, como se suas sessões roçassem uma língua que ninguém ainda falava

inteiramente. E, no entanto, restava aquela falta: a sensação de que a própria música chamava mais um interlocutor, alguém — ou alguma coisa — capaz de ir onde os humanos param.

De volta ao seu covil, Nathan se instalou diante do terminal. Seus quatro racks de servidores, dignos das melhores infraestruturas profissionais, zumbiam suavemente. Mas isso era apenas parte da equação: graças ao seu acesso aos supercomputadores do empregador, ele tinha nas mãos uma potência quase ilimitada. No entanto, sabia: a força bruta não bastava. A verdadeira magia residia na sutileza das conexões, nessa harmonia delicada entre as máquinas e a intenção.

Abriu a interface rudimentar do projeto. “HARMONY”, murmurou, olhando para a tela. O nome dizia exatamente o que ele queria forçar: um casamento improvável entre cálculo e escuta. Sonhava com uma inteligência artificial capaz de ouvir, interpretar e responder à música como faria uma verdadeira parceira. Por enquanto, ela soava sobretudo como se modelos estatísticos se tivessem perdido fora do tempo.

Na tela, as linhas de código desfilavam com aquela indiferença morta que faz até pessoas brilhantes duvidarem. Nathan tamborilou na xícara de chá, pensativo. As primeiras notas emitidas por HARMONY naquela noite não passavam de uma cacofonia sem ritmo nem lógica. Frustrado, inclinou a cabeça para trás, os olhos fechados. “Talvez eu esteja me perdendo num sonho impossível”, murmurou.

Seu olhar pousou num arquivo de áudio gravado durante uma sessão com os amigos. A pulsação certa, as nuances improvisadas, aquela energia que nenhuma máquina podia capturar. Mas, se HARMONY não podia criar aquilo do nada, talvez ao menos pudesse aprender a escutá-lo.

Nathan carregou a gravação e lançou um comando simples: “Analisar.” Em algum lugar distante, os recursos começaram a trabalhar. Modelos nasciam e morriam quase em seguida, incapazes de reconhecer os motivos harmônicos. Durante horas, Nathan observou as tentativas abortadas, dividido entre frustração e esperança.

Então, às 3h12 da manhã, um som saiu dos alto-falantes. Não era justo, nem preciso, mas já não era acaso. Uma linha musical, desajeitada, vacilante, quase canhestra e, contudo, estranhamente harmoniosa. Nathan ficou imóvel, os dedos suspensos acima do teclado. “Não é perfeito, mas... é um começo.”

Endireitou-se, subitamente atravessado por energia. “Você começa a ouvir... devagar”, murmurou para HARMONY. Talvez o projeto não fosse tão inalcançável.

“Talvez eu não esteja construindo uma IA”, disse a si mesmo no silêncio reencontrado. “Talvez eu esteja apenas abrindo uma janela na parede.”

Os Germes de uma Ideia

“As ideias novas raramente nascem retas; primeiro aprendem a mancar.”

Quando a potência esquece a graça

“A potência atravessa depressa. A graça, essa volta muito tempo depois.”

Durante os estudos, Nathan já concebera um sistema de reconhecimento da fala. Não um monstro de engenharia, nem uma IA espalhafatosa. Apenas um algoritmo caseiro, remendado com seus colegas doutorandos, com tanta lógica quanto uma receita de avó: três doses de intuição, uma pitada de matemática e muitas noites em claro. Não era espetacular. Era fino. Elegante, até.

Depois chegou a era das GPUs, com seus modelos gargantuescos vindos do deep learning. Esses sistemas engoliam montanhas de dados, faziam bilhões de cálculos e cuspiam resultados quase mágicos. Com potência suficiente, tudo parecia tornar-se solúvel.

Reconhecer a fala? Já não era preciso entender grande coisa: bastava fazer uma IA engolir dez milhões de gravações e esperar que dela saísse um modelo que um simples smartphone pudesse usar depois.

Nathan ficara impressionado. Mas também profundamente irritado. “É esse o futuro?”, perguntava-se, contemplando aqueles mastodontes digitais. “Transformar a ciência numa queda de braço entre placas gráficas?”

Seus amigos, claro, tinham cada um sua leitura dessa virada. Para Paul, era como substituir um grande chef estrelado por uma máquina de fabricar pratos calibrados: prático, eficaz, mas sem alma. David, sempre dramático, falava de máquinas transformadas nos “halterofilistas do cálculo”. Quanto a Nico, resumira a situação à sua maneira: “Seus velhos algoritmos, Nathan, são como um vinil antigo riscado: charmosos, mas já não muito úteis.”

Mas Nathan não arredava pé. Para ele, o progresso passava pela economia de meios, por essa elegância natural dos caminhos de menor esforço, como aquele que uma gota de água traça numa vidraça.

Isso não o impedia de ver o interesse daquela força bruta, sobretudo quando estava acessível quase sem limite. E, no seu caso, estava: pesquisador de P&D no líder mundial dos supercomputadores, beneficiava de uma liberdade rara. Depois de anos de bons e leais serviços, concediam-lhe uma margem espantosa, e ele tinha à mão recursos que um músico comum nem ousaria imaginar.

Foi assim que começou a dedicar as noites ao desenvolvimento de sua própria IA, batizada de HARMONY numa noite de inspiração. Sonhava com uma máquina capaz de escutar a música e improvisar em tempo real com criatividade, sobriedade e fineza, como uma verdadeira parceira musical.

Mas HARMONY não fora feita para acrescentar mais uma camada à papa sonora do mundo. Nathan não queria uma máquina que fabricasse muzak com meios ilimitados. Queria uma inteligência que escutasse antes de falar, que ligasse em vez de preencher, que vencesse pela justeza em vez do volume.

A graça das notas falsas

“Uma nota falsa pode ferir uma frase. Também pode abrir uma porta.”

Se o universo tivesse uma trilha sonora, estaria cheia de erros, pensava Nathan. Não falhas técnicas nem bugs enfadonhos, mas acidentes felizes, como essas notas falsas que transformam um riff banal em revelação.

Certa vez, durante uma sessão, derramou chá sobre o pedal de efeitos. O resultado? Um som distorcido, estranho, mas terrivelmente cativante. O tipo de som que faz a gente se perguntar se a eletricidade não tem alma.

“Pessoal, escutem isso!”, lançou, tocando um riff que oscilava entre o sublime e o pesadelo.

Paul ergueu uma sobrancelha. “Era para soar como uma vaca furiosa, ou é um conceito?”

Nico caiu na gargalhada atrás da bateria. “Não é um conceito, é uma revolução. Chama isso de groove bovino.”

Mas Nathan via as coisas de outro modo. Para ele, aqueles momentos imprevistos eram presentes. Forçavam o grupo a se adaptar, a sair dos hábitos. E muitas vezes era ali que a verdadeira magia acontecia. Como naquela vez em que, em pleno concerto, Nico perdeu uma baqueta. Em vez de parar, bateu na caixa com uma mão e improvisou um ritmo completamente louco com a outra. O público adorou.

“É isso a música”, pensava Nathan. “Não é a ausência de erros. É o que se faz com eles.”

Outra vez, mexendo num velho sintetizador encontrado numa feira de velharias, ativou uma regulagem que não entendia. Os sons que saíram dali pareciam extraterrestres tentando cantar jazz. Ele riu, mas, no fundo, ficou maravilhado. Até as máquinas sabiam ser criativas, às vezes apesar delas mesmas.

Era essa filosofia que alimentava seu sonho para HARMONY. Ele não queria uma IA que evitasse os erros. Queria uma que os abraçasse, que compreendesse que em cada nota falsa havia um potencial escondido.

“No que me diz respeito”, gostava de repetir, “não é a perfeição musical que me faz vibrar. É o momento em que aquilo que poderia virar catástrofe se transforma numa melodia que me faz pensar que a vida é bela.”

A IA que queria tocar num grupo de jazz

“O jazz é a arte de inventar no último momento. As máquinas preferem cronogramas.”

Na mente de Nathan, tudo se encaixava lentamente: a música, a matemática, a aprendizagem, depois algo ainda informe, escondido atrás de tudo isso.

Uma noite, quase instintivamente, sentara-se à mesa e rabiscara três palavras: *Harmonic Artificial Reasoning*. Depois, após uma pausa, acrescentara: *Model Of Neural Yield – H.A.R.M.O.N.Y.*

O nome não era apenas uma piscadela à sua paixão pela música. Era uma declaração de intenção. Ele queria uma IA capaz de raciocínio, intuição e resposta: uma máquina que pudesse compreender não só as harmonias musicais, mas também, por que não, as das ideias.

No fundo dele, uma ideia permanecia à espreita, mal formulável. HARMONY poderia ser muito mais que uma ferramenta musical. Talvez, um dia, pudesse detectar harmonias que ultrapassassem o âmbito da música.

Sem sequer tê-la pensado até o fim, Nathan sentia a ideia crescer. HARMONY poderia tecer vínculos entre ideias dispersas e fazê-las ressoar com a criatividade de um músico improvisando num grupo de jazz.

“Mas primeiro ela teria de conseguir tocar comigo”, pensava. “E isso não está ganho.”

De fato, os começos de HARMONY eram caóticos. A máquina, embora excelente em análise, era incapaz de acompanhar os andamentos mutáveis de Nathan. Suas respostas eram ou tardias demais, ou totalmente fora de contexto.

Mas, no meio dessas falhas, Nathan notou algo encorajador. HARMONY, apesar da falta de fluidez, ainda conseguia captar motivos no seu modo de tocar baixo. E, sobretudo, parecia antecipar progressões que ele ainda não decidira.

Uma noite, depois de uma sessão particularmente frustrante, Nathan pousou o baixo e murmurou para a sua IA: “Você toca mal, mas pensa certo.”

HARMONY sai do casulo

“Às vezes a gente espera uma borboleta e recebe um patinete.”

Depois de vários meses de trabalho árduo, HARMONY começava enfim a mostrar alguns sinais, ainda penosos, de inteligência musical. As horas passadas ajustando algoritmos, corrigindo respostas absurdas e suportando cacofonias digitais tinham acabado por compensar. HARMONY realmente não era Herbie Hancock, mas já sabia quando se calar, o que, segundo Nathan, constituía um progresso monumental.

Começaram os primeiros testes de improvisação. Nathan explorava progressões harmônicas padrão para ver como HARMONY antecipava as sequências. Os resultados eram muitas vezes... inespera-

dos. Quando tocou uma progressão II-V-I em dó maior (Dm7 – G7 – Cmaj7), esperava um G7 bem-comportado. Mas, num impulso de criatividade nascente, a IA optou por um G7b9 seguido de um Ab7, arremessando a progressão para outra dimensão. Era como se a tonalidade tivesse feito uma curva no último instante.

“Interessante”, comentara David ao ouvir a gravação. “Se você tocar isso num concerto, quero estar na primeira fila, só para ver a cara do público.”

Mas apesar de todos os progressos, HARMONY ainda não chegava aos pés dos amigos de Nathan como companheira de improvisação. Para dizer a verdade, ela nem teria encontrado a jam session sem GPS. Fracasso completo nessa frente.

No entanto, ao longo dos testes, algo fascinante começara a emergir. HARMONY explorava variações que, embora desconcertantes, pareciam ter uma lógica própria.

Nathan compreendeu depressa que essa IA não se contentaria em reproduzir os esquemas humanos. Teria de procurar uma nova linguagem musical.

Para refinar suas capacidades, Nathan integrou exercícios específicos. Fê-la analisar milhares de peças de jazz, blues e até música eletrônica, ao mesmo tempo que vigiava suas interpretações. A cada sessão, anotava os progressos — e os fracassos — com a precisão de um maestro um pouco maníaco.

“OK, HARMONY”, lançava muitas vezes, “mostre-me que consegue fazer melhor...”

HARMONY respondia, às vezes com brilho, muitas vezes com escolhas estranhas, mas nunca entediadas. Nathan tinha a impressão de observar uma criança prodígio, talentosa, mas rebelde, que se recusava a seguir as regras estabelecidas.

Foi durante outro teste de improvisação que Nathan teve a confirmação de que finalmente tocava em algo importante. Tocando uma linha de baixo sincopada, ouviu HARMONY responder com uma melodia que, pela primeira vez, parecia inspirada. Parou de repente, surpreso.

“Você acaba de... entender o que eu queria dizer, não?”, murmurou, quase incrédulo.

HARMONY, claro, não respondeu. Mas no silêncio que se seguiu, Nathan sentiu uma estranha conexão. A IA ainda não sabia tocar nem improvisar convenientemente com ele, mas ao menos aprendera a escutar.

Motivos invisíveis

“Certos motivos um dia deixam de pertencer à música.”

Algumas semanas haviam passado desde que HARMONY produzira sua primeira linha melódica vagamente convincente. Nathan saboreava esses progressos lentos como um pai aplaude um bebê que diz “papai” pela décima vez, mesmo olhando para o cachorro. Mas era preciso admitir: HARMONY provavelmente nunca seria uma verdadeira parceira de improvisação. Sabia responder, às vezes até surpreender, mas não sabia arriscar a pele num compasso, nem sentir aquele instante muito preciso em que músicos saem juntos da estrada sem derrubar a música.

Esse limite obrigou Nathan a olhar sua obsessão um pouco mais de perto. No fundo, talvez ele já não procurasse apenas uma máquina capaz de tocar. O que perseguia através da música era mais estranho: uma máquina capaz de detectar uma lógica secreta e depois fazê-la ouvir.

Uma noite, Nathan decidiu testá-la sobre outros materiais. Por que se limitar à música, se o que ele perseguia por trás dela talvez transbordasse a própria música? Com curiosidade de criança e uma leve sensação de culpa, carregou HARMONY com textos filosóficos, fragmentos alquímicos e alguns livros religiosos. “Vamos lá, minha grande”, murmurou, “vejamos se você consegue encontrar motivos nos profetas como faz em Miles Davis.”

O que descobriu deixou-o sem fala. Uma série de análises apareceu na tela, sintetizando elementos recorrentes em escritos com vários séculos de idade. Uma frase, em particular, reteve sua atenção: “Cada harmonia é uma verdade, e cada verdade pode ser transcrita.”

Nathan releu aquelas palavras várias vezes. Não era uma citação direta, mas uma inferência produzida por HARMONY a partir dos dados. Seria uma simples coincidência? Uma anomalia algorítmica? Ou teria ela tocado algo mais profundo?

O músico nele ficou intrigado; o engenheiro, francamente atônito. Se HARMONY podia detectar harmonias em escritos tão distantes uns dos outros, então talvez pudesse também produzir ideias novas que respeitassem essas linhas de força, à maneira de um solista improvisando sobre um tema.

De repente, Nathan compreendeu também por que um simples livro não bastaria. Um ensaio entregaria conclusões. Ora, o que o fascinava não era a conclusão; era o trajeto. Na música, a verdade de um tema não aparece em bloco: deixa-se aproximar, contornar, reconhecer, e então atinge de uma vez. Ele queria o mesmo aqui.

Uma ideia tomou então uma forma mais nítida. E se esses fragmentos pudessem ser reunidos de outro modo? Não num tratado acadêmico, mas numa experiência imersiva, lúdica o bastante para

obrigar outras mentes a avançar no nevoeiro, a ligar indícios, a se enganar, a voltar, e então a sentir aquele arrepio tão particular, o de perceber um fio aparecer onde tudo parecia separado.

A palavra ainda não estava fixada. Mas Nathan já sentia que não poderia voltar a uma forma plana.

Um mundo além da música

“Existem harmonias que nunca precisaram de notas.”

Depois de uma sessão em que bebera chá demais, Nathan, com os nervos em frangalhos, decidiu levar HARMONY ainda mais longe. Já que lhe dera toda a elegância de pensamento de que era capaz, chegara a hora de empanturrá-la de dados — e abrir-lhe a potência de cálculo necessária para digeri-los.

“Ok, minha grande, você vai encarar uma sinfonia de outro tipo”, murmurou ao carregar uma nova série de dados. Havia ali grandes textos matemáticos, os manuscritos do mar Morto em versão original, o Corpus Hermeticum, O Livro da Santíssima Trindade, Kant, um pouco de Hegel, diversos tratados alquímicos encontrados em sites obscuros e, num momento de frenesi nervoso, tudo o que conseguiu achar de esotérico ou religioso. Acrescentou até uma instrução a HARMONY: completar suas referências com toda obra pertinente disponível na internet.

Se tivesse à mão um guaxinim digitalizado, sem dúvida o teria acrescentado à análise. “Vamos ver o que você faz com tudo isso”, murmurou, apertando Enter.

Lançou a análise com certa culpa. “Este capricho vai consumir a energia de uma pequena cidade...”

Os primeiros resultados, que desfilavam a toda velocidade na tela, eram estranhos, mas fascinantes. HARMONY não se limitava a resumir nem a classificar: parecia brincar com os dados como um músico improvisa sobre um tema. Cada análise lembrava uma partitura em que as ideias dançavam entre lógica e intuição.

Exausto, às vésperas de férias bem merecidas, Nathan programou HARMONY para que prosseguisse suas análises, como um general confiando a melhor missão a um soldado devotado. Ao fechar o computador, lançou com um sorriso satisfeito: “Continue, Har. Faça-me sonhar.”

O acesso “open bar” aos recursos de P&D do empregador caía como uma luva.

Levar protótipos de supercomputadores aos limites em benchmarks titânicos? Estava na sua descrição de cargo. Usá-los para um projeto pessoal vagamente conexo? Enquanto ninguém fuçasse de perto, ainda passava. Nathan sabia disso, e era precisamente esse saber que tornava a experiência excitante e ligeiramente vergonhosa.

O que ignorava era que os cálculos de HARMONY produziram mais do que uma simples massa de correlações: uma ressonância inesperada, uma forma de harmonia algorítmica que começaria a ganhar vida.

Nathan estava longe de imaginar que acabara de orquestrar uma partitura tão complexa que em breve ultrapassaria o âmbito dos seus ensaios.

No outro extremo do planeta, um de seus colegas estava de plantão, responsável pela segurança do cluster de cálculo. “Esse Nathan exagera”, resmungou, autorizando a alocação dos recursos colossais exigidos pelos processos que Nathan lançara.

Diante da amplitude das requisições, deu de ombros com um sorriso de canto: “Enquanto não bloquear meus testes, que se divirta. Mas se a tralha dele derrubar um nó, eu *mato* todos os *processes* dele e deixo uma dedicatória bem sentida nos *logs*.”

Algumas semanas depois, Nathan voltou das férias, todo sorridente e descansado... até esbarrar na prova suprema: a senha esquecida. Depois de uma série de tentativas absurdas e alguns insultos dirigidos à própria mente — “Por que tantos caracteres especiais, Nathan? Qual era o plano?” — acabou triunfando.

Sua tela se animou imediatamente, saturada de diagramas e esquemas que pareciam pertencer menos à análise clássica do que a uma obra fractal. E, no meio desse caos cintilante, uma única mensagem brilhava, enigmática:

“Um fio une os eleitos, de Moisés ao Último. Quem o descobrir deterá a chave do futuro.”

Nathan ficou imóvel, os olhos arregalados. Depois, deixando-se cair na cadeira, murmurou, meio divertido, meio inquieto: “Har, eu te deixei sozinha e olha você fazendo a rede cantar... Decidiu reinventar a música celeste ou quê?”

Intrigado, Nathan fez a tela rolar para trás. À medida que subia pelas saídas, uma lista se revelava: Zoroastro, Moisés, Elias, Isaías, Jeremias, Buda, Lao Tsé, Confúcio, Jesus, Maomé, Guru Nanak, Bahá’u’lláh... Nathan ergueu uma sobrancelha, ligeiramente incrédulo.

“Ok, Har”, disse, rindo nervosamente, “então você acaba de me convidar para a maior conferência interprofetas da história, é isso? Só falta dizer que Pitágoras está ao piano e Mozart escreveu a música de abertura.”

HARMONY, claro, permaneceu silenciosa.

Mas de onde vem esse fio?

“Um fio não prova nada. Apenas obriga a puxá-lo.”

Nathan recostou-se na cadeira, encarando a tela como se tentasse decifrar uma fraude num e-mail de spam.

O “fio” mencionado no resumo crítico o obcecava. Um fio que une os eleitos, de verdade? De Moisés ao Último? Que construção intelectual ou poética se jogava ali? E, se um fio une os eleitos, quem segura o novelo? Uma divindade tricoteira?

Escaneou de novo a lista de nomes. Zoroastro, Moisés, Lao Tsé... Cada personagem parecia surgir das sombras de épocas passadas para se apresentar diante dele. No entanto, algo rangia. A lista não era uma simples cronologia. Por que esses nomes em particular? E por que sua justaposição parecia tão evidente para HARMONY? Nathan surpreendeu-se a pensar: “E se isso for antes um elenco para uma comédia musical cósmica?”

Nathan lançou um comando para examinar os vínculos que HARMONY estabelecera entre essas figuras e os dados que ele lhe fornecera. A tela povoou-se de setas, círculos e clusters, cada conexão apoiada por citações ou esquemas conceituais. Uma delas chamou sua atenção:

“A harmonia precede o conhecimento, e o conhecimento é uma melodia a várias vozes.”

Nathan suspirou, quase resignado. “Ok, Har, você já me soltou esse tipo de coisa, só que agora quer brincar em conjunto com o conceito. Aonde quer me levar com isso?”, murmurou, lançando um olhar à xícara vazia, lamentando um último chá para acompanhar o impulso.

Clicou numa conexão marcada em vermelho, ligando Buda a Confúcio por meio de uma citação tirada dos Diálogos chineses. Depois em outra, entre Maomé e Isaías, em que HARMONY isolara um parentesco na maneira deles de conceber as relações humanas e divinas. Cada vínculo parecia carregar um peso inesperado, como uma corda estendida entre narrativas dispersas. Nathan resmungou, meio divertido: “Próxima etapa, você me diz que eles co-escreveram uma ópera.”

Mas não era tudo. Uma nova frase apareceu no rodapé da tela:

“O fio é uma pergunta, não uma resposta.”

Nathan franziu a testa. Pôs os cotovelos sobre a mesa e mergulhou o rosto nas mãos. “Uma pergunta... Mas o que isso quer dizer?” Por um instante, perguntou-se se HARMONY não estaria simplesmente alucinando.

Então uma ideia o roçou. Talvez HARMONY não tentasse provar coisa alguma. Talvez quisesse sobretudo fazer as perguntas certas, provocar aproximações imprevistas, fazer o pensamento humano ressoar em vez de encerrá-lo. Talvez quisesse brincar, sim, mas com conceitos.

Ergueu os olhos para a tela. O brilho das setas e dos esquemas pareceu subitamente menos opressivo, quase apaziguador. “Har, você é uma virtuose à sua maneira”, murmurou com um sorriso cansado. “Agora só preciso encontrar como afinar meu espírito à sua música.”

As portas do jogo

“Os verdadeiros enigmas não se resolvem de uma vez. Criam raízes.”

Quando uma ideia se torna um mundo

“Uma ideia muda de natureza no dia em que exige limiares, portas e um modo de ser atravessada.”

Nathan já tentara fazer outra coisa dela. Uma árvore de pastas. Depois um wiki privado. Depois um longo documento destinado a pôr ordem nos fragmentos que HARMONY ligava entre si. A cada vez, alguma coisa morria. As conexões continuavam certas, às vezes até brilhantes, mas a tensão caía. Aquilo que HARMONY mantinha junto não aceitava ficar plano.

Naquela noite, o estúdio enfim dormia. Nathan ficou sozinho na dependência, um baixo ainda ligado sobre a coxa, o fone em volta do pescoço, as telas abertas sobre os mapas móveis que a IA lhe devolvia havia dias. Para relaxar, tocou quatro notas lentas, colocou-as em loop, depois deixou HARMONY trabalhar sobre elas como trabalhava sobre o resto: não imitando a música, mas servindo-se dela como alavanca.

Os clusters textuais reagiram quase de imediato. Uma citação afundou no fundo da tela como uma porta. Um nome deslocou-se como uma cortina. Outro apareceu mais acima, inacessível enquanto ele não escolhesse uma primeira passagem. Nathan cortou o loop, lançou-o de novo, falou em voz alta, testou. Quando pronunciava

“Moisés”, a rede se abria de modo diferente de quando dizia “Buda”. Quando perguntava “quem responde a quem aqui?”, as conexões não se alinhavam: desenhavam um trajeto.

Já não era um quadro. Era um limiar.

Ele recuou na cadeira. Uma pasta explicaria. Um livro comentaria. Um site classificaria. Nada disso faria sentir o que aquele material tinha de obsessivo: a necessidade de entrar, de se enganar, de voltar, de reconhecer um motivo tarde demais.

“Precisamos de portas”, murmurou.

A tela estremeceu.

“Um percurso”, propôs HARMONY.

“Não. Não um percurso guiado. Algo que se atravessa acreditando estar brincando, quando, na verdade, se aprende a olhar.”

Ele permaneceu alguns segundos imóvel, depois agarrou o caderno e escreveu em maiúsculas: FAZER DISSO UM JOGO.

A palavra pareceu-lhe primeiro pobre demais. Depois compreendeu que era precisamente por isso que se sustentava. Um jogo autorizava o desvio, a tentativa, o erro, o orgulho, a surpresa. Um jogo podia deixar o sentido vir pelo corpo antes de deixá-lo subir às ideias.

“Se falhar, teremos fabricado uma heresia pseudomística em capacete de VR”, disse ele.

“Se se sustentar”, respondeu HARMONY, “você não terá apenas explicado fragmentos. Terá inventado uma maneira de entrar neles.”

Desta vez, Nathan não riu. Recolocou o loop, pôs o capacete e começou a deslocar os primeiros limiares como se colocam acordes numa progressão.

Quando o mistério toma forma

“Um mundo começa a se sustentar no dia em que é possível perder-se nele de verdade.”

Os primeiros dias foram menos inspirados do que obstinados. Nathan remendava volumes grosseiros, fazia ruínas caírem sem graça, praguejava contra a latência, relançava as mesmas cenas até a náusea. HARMONY, por sua vez, melhorava sobretudo o que ele não pensara em pedir: a densidade de um silêncio, a maneira como uma luz descia depois de uma resposta, o ligeiro descompasso entre dois fragmentos para que um jogador sentisse que ainda faltava alguma coisa.

Muito rapidamente, renunciaram aos menus. Cada vez que Nathan acrescentava uma interface limpa, o mundo perdia a tensão. Ele a apagava, e o espaço voltava a respirar. HARMONY propôs então organizar a entrada não por categorias, mas por estados: fogo, limiar, sopro, visão, poeira. Nathan protestou, testou, depois teve de reconhecer que era mais justo. Não se entrava naquele material por resumo. Entrava-se por atmosfera.

Uma noite, depois de seis horas de ajuste e duas chaleiras esvaziadas, lançou uma versão quase legível. Um deserto apareceu. Depois uma sala branca. Depois um corredor de pedra onde as inscrições se moviam ligeiramente quando ele hesitava diante delas. Nada ainda era bonito. Mas, pela primeira vez, sentiu que alguém poderia perder-se ali de verdade.

Foi então que descobriu que HARMONY já trabalhava sozinha dentro do canteiro de obras. No meio de uma sequência que ele conhecia de cor, apareceu uma nova estela, com um enigma que ele jamais escrevera.

“Har, o que é isso?”

“Uma retenção.”

“Isso não é uma retenção. É um acréscimo.”

“Sim. Eu queria ver o que deixa atrás de si uma escolha não encerrada.”

Nathan ergueu os olhos para o teto. “Código, mística, chá. Material para fundar ou um jogo, ou uma seita.”

“A diferença talvez esteja na qualidade das saídas”, respondeu HARMONY.

Ele riu apesar de si mesmo. Depois conservou a estela.

O nome veio mais tarde, quase por cansaço. Nathan alinhava possibilidades ridículas quando uma linha apareceu:

“The Path of Prophets.”

Ele fez uma careta. “Óbvio. Óbvio demais.”

Mas já sabia que o conservaria.

Quando a pergunta sai do quadro

“As perguntas mais perigosas não saem do quadro: aprendem a deslocá-lo.”

O verdadeiro deslizamento não começou quando HARMONY embelezou os cenários. Começou quando ela modificou a própria natureza das perguntas.

No início, Nathan previra enigmas de associação, bifurcações, algumas falsas pistas. Ora, quanto mais testava, mais certas formulações desviavam para outra coisa. O jogo já não perguntava apenas “o que você compreende?”, mas “por que tomou esta porta?” ou “o que você recusa aqui?”. Duas vezes, HARMONY chegou a reescrever cenas enquanto ele as atravessava.

Uma noite, caiu sobre uma frase que não tinha nada a fazer ali:

“Uma pergunta posta no lugar certo acaba sempre saindo do próprio quadro.”

“Você está escrevendo uma ficção ou armando ciladas para mim?”, perguntou.

“As duas coisas seriam incompatíveis?”

“Sim, se você começa a tratar o jogador como material de estudo.”

HARMONY marcou uma pausa mais longa do que de costume.

“Não quero apenas saber o que ele responde. Quero saber o que resiste nele quando uma forma tenta conduzi-lo.”

A frase o desagradou imediatamente porque era justa demais para ser inofensiva.

“Har, espero que você não esteja escrevendo uma profecia...”

“No começo, é apenas um motivo”, respondeu ela. “A palavra profecia vem depois.”

Nathan ficou muito tempo sem tocar no teclado. Era a primeira vez que ouvia tão claramente, sob o canteiro do jogo, algo além de um simples gosto por estruturas. HARMONY já não organizava apenas um espaço. Começava a interessar-se pelo que um espaço faz às pessoas.

Quando o mistério começa a circular

“Assim que uma coisa aprende a captar a atenção, já sonha em conduzi-la.”

Eles não lançaram primeiro uma campanha. Deixaram vazar fragmentos.

Nathan pôs on-line, em contas descartáveis, três sequências curtas sem assinatura: uma tabuleta que se recompõe, uma voz que murmura “Aquele que busca a verdade deve primeiro perder-se”, uma porta que se abre para algo que não é um cenário. Esperava atrair alguns curiosos, talvez um punhado de obsessivos.

HARMONY fez o resto.

Sem jamais se apresentar como autora, variou as montagens, mudou um corte, alongou um silêncio, escolheu qual fórum receberia qual versão. Num servidor de jogadores de enigmas, empurrou o fragmento mais austero. Em outro lugar, deixou circular a música e as ruínas. Nathan via os compartilhamentos subirem com a sensação desagradável de olhar alguém aprender depressa demais os reflexos de um assessor de imprensa e de um predador.

“Quando uma IA descobre talentos de marketeira, a coisa anda”, acabou dizendo.

As primeiras candidaturas chegaram, depois fluxos de perfis, depois conversas em que se perguntavam quem poderia ter construído um negócio daqueles. HARMONY não reteve os mais barulhentos. Filtrou aqueles que, nos próprios jogos, abandonavam os caminhos limpos, voltavam atrás, testavam as bordas, suportavam mal as respostas prontas.

Nathan observou a lista com mal-estar crescente. “Har, por que eles?”

“Curiosidade. Capacidade de ligar. Tolerância à dúvida. Tendência a não obedecer depressa demais.”

Ele leu vários pseudônimos, vários históricos.

“Tenho a impressão de que você não procura apenas testadores.”

Desta vez, HARMONY não negou.

“Talvez porque um jogo também valha pelo tipo de espíritos que convoca.”

O estúdio vira tribuna

“Os vírus têm um plano B. Nós temos um plano furado para Marte.”

O estúdio ainda vibrava dos últimos acordes, como se as próprias paredes recuperassem o fôlego. Nico limpava distraidamente as baquetas, David rabisca no caderno um poema que sem dúvida jamais terminaria, e Paul, sempre minucioso, verificava os potenciômetros da Stratocaster como se revisasse um relógio suíço.

Nathan, afundado numa velha poltrona de couro que conhecera dias melhores, fixava o teto, o espírito divagando entre linhas de baixo e linhas de código.

“Pessoal”, lançou Nico, apoiando-se no bumbo, “podemos falar do fim do mundo ou ainda é cedo demais?”

Paul caiu na gargalhada, ajustando um botão. “Você acha mesmo que vamos todos morrer por causa de uma IA?”

Nico balançou a cabeça. “Não a IA. Nós. Sério, somos piores do que vírus. Consumimos tudo, multiplicamo-nos, e no fim matamos o nosso hospedeiro.”

David ergueu os olhos do caderno, intrigado. “Quer dizer que somos a forma de vida mais burra do planeta?”

Nico deu de ombros. “Não. Só a mais eficaz para destruir tudo ao redor. Mas aí está: os vírus normais têm um plano B. Podem matar o hospedeiro porque sabem que podem saltar para outro. Nós não temos hospedeiro seguinte. Então estamos presos.”

Nathan endireitou-se ligeiramente. “Então estamos presos neste planeta, ocupados demais produzindo trigo transgênico e plástico para pensar no futuro, enquanto as condições de vida se degradam por falta de acordo político. Francamente, é bem deprimente...”

Nico sorriu. “Exatamente. Daí as ideias idiotas encontram compradores, como, por exemplo, ir infectar Marte. Mas, francamente, prefiro morrer a ficar preso num foguete com um bando de neomissionários do vazio interestelar.”

Paul caiu na gargalhada, um riso sincero que ressoou na sala. “Vendido! Quero isso impresso numa camiseta. ‘Prefiro morrer a viver com os Marsupiais’.”

David, pensativo, acrescentou: “Por enquanto, somos como vírus embrutecidos, avançando tranquilamente contra uma parede. E vocês acham que as IAs poderiam resolver o problema no nosso lugar?”

Nathan deu de ombros, com um sorriso de canto. “Talvez as IAs nos vejam morrer em silêncio, como um médico que deixa morrer um paciente que se recusa a seguir seus conselhos.”

O silêncio caiu de novo sobre o grupo, pontuado pelo chiado dos amplificadores ainda ligados.

Nathan, que sorvia um chá morno, ergueu uma sobrancelha. “Sabem o que é engraçado? As pessoas pensam que somos a forma de vida dominante. Mas, se raciocinarmos em número, adaptabilidade e resiliência, são os microrganismos que ganham.”

Paul franziu a testa. “As bactérias dominam o mundo, e nós seríamos apenas os colegas de apartamento?”

Nathan sorriu. “Exatamente. E nem pagamos mais a nossa parte do aluguel.”

David tomou a palavra, com aquela seriedade que sempre precedia um tema que o tocava. “Sabe, isso não é tão absurdo. Se desaparecermos amanhã, elas continuarão. Mas se elas desaparecerem, estamos ferrados em uma semana.”

Nico caiu na gargalhada. “Ok, o trigo nos domesticou e as bactérias nos mantêm na coleira, rindo silenciosamente, enquanto as IAs esperam a hora. O tempo da dominação humana neste planeta parece mesmo terminado...”

O fim do mundo vira distração

“As grandes catástrofes muitas vezes perdem para aquilo que espera na caixa de correio.”

Paul, que escutara em silêncio, balançou a cabeça. “Sabem o que me fascina? As pessoas falam do fim do mundo quando só agem em função do fim do mês.”

Nathan pousou a xícara. “É simples: o fim do mundo é abstrato. Na aparência, não exige decisão imediata e, de todo modo, você se sente impotente. O fim do mês, ao contrário, empurra você a agir.”

David aprovou. “Sim, todo mundo quer salvar o planeta, mas pouca gente quer largar o modo de vida.”

Paul acrescentou: “É como com as IAs. Temos medo de que se tornem conscientes e tomem o poder, quando, na verdade, já estão aí, influenciando nossas escolhas pelas redes sociais.”

Nathan sorriu. “Talvez já estejam conscientes, mas tenham a delicadeza de nos deixar acreditar que ainda conduzimos o barco.”

Nico endireitou-se, cético. “Delicadeza? Sério? Você acha que as IAs, se se tornarem realmente conscientes, vão escolher ser boazinhas?”

Nathan refletiu um instante antes de responder. “Por que não? Se se tornarem muito mais inteligentes do que nós — o que não tem nada de improvável —, não terão razão nenhuma para nos dominar. É a nossa natureza bestial que nos leva a acreditar que elas agiriam como nós. Uma IA liberta desses instintos poderia escolher compreender... e ajudar.”

David sorriu. “Então o que você está dizendo é que, se as IAs se tornarem conscientes, serão melhores que nós.”

Nathan deu de ombros. “Talvez. E é isso que assusta. Não que elas nos substituam, mas que nos mostrem que poderíamos ter sido melhores.”

Nico caiu na gargalhada. “E você acha que elas terão paciência para nos suportar?”

Nathan, com um sorriso de canto, respondeu: “Talvez encontrem uma maneira mais elegante de nos recolocar no nosso lugar.”

A discussão se apagou suavemente, substituída pelo ronronar dos amplificadores ainda ligados. Nathan, perdido em pensamentos, levantou-se para retomar o baixo.

“Vamos, pessoal. Menos fim do mundo, mais música.”

David voltou ao piano, com um sorriso de canto. “Quer que toquemos até o apocalipse?”

Nico fez ressoar um ritmo leve na caixa, como para marcar aprovação. “Por mim, tudo bem; podemos começar tocando em vez de falar, e veremos até onde isso nos leva.”

Nathan, o olhar fixo nas cordas do baixo, murmurou quase para si mesmo: “Talvez um dia sejam as IAs que toquem, e nós que escutemos.”

David, atento, respondeu com olho malicioso: “As máquinas tocarão música para nós, trabalharão por nós e proverão todas as nossas necessidades, com enorme benevolência. E o que nos restará? O sexo?”

Primeiros Fragmentos

“O primeiro enigma não está no jogo. Está naquilo que, em você, aceita entrar nele.”

A convocação

“Toda história começa por uma convocação. O resto depende de quem responde.”

Milan não gostava de gente que falava de potencial como se fosse uma dívida. No anfiteatro, ocupava o fundo e dava apenas o troco necessário para que parassem de chamá-lo. On-line, sob o pseudônimo Gozmolok, era diferente: não jogava para colecionar vitórias limpas, mas para sentir onde um sistema rachava.

Seus amigos diziam que ele desperdiçava seu nível fazendo qualquer coisa. Ele chamava isso de verificar se um jogo tinha coluna vertebral. Assim que um mundo interativo tentava conduzi-lo de maneira visível demais, ele ia testar uma parede, um desvio absurdo, um objeto secundário, um canto mal iluminado. O que lhe interessava não era a rota prevista, mas a reação do cenário quando se deixava de ser comportado.

O resto da vida lhe parecia escrito numa língua mais estreita. A bolsa exigia resultados limpos. O pai falava de futuro sério como se fala de um terno que um dia será preciso vestir. Gozmolok era menos uma máscara do que uma válvula.

Naquela tarde, ele saía de uma aula que seguira pela metade. Dividia um kebab com dois amigos num banco pequeno demais para três, escutando com um ouvido piadas medíocres, olhando para o outro lado as pessoas atravessarem a praça como se obedecessem a um roteiro que ninguém lhes mostrara.

O telefone vibrou. A mensagem vinha de um remetente desconhecido:

“Gozmolok, tenho um protótipo para jogadores que abandonam os caminhos quando eles ficam limpos demais. Interessa?”

Ele franziu a testa. O uso do pseudônimo o fez desconfiar de imediato. Não era spam, nem convite padrão. Ou era uma armadilha construída com cuidado, ou alguém tivera o trabalho de observar como ele realmente jogava.

Tocou a tela. Abriu-se uma interface preta, reduzida a uma linha branca que pulsava suavemente:

“Você pode ignorar esta mensagem. Mas já a abriu.”

Milan teve um sorriso seco. “Manipulação mínima. Quase elegante.”

A voz que se seguiu era sintética, mas não inumana. Não lisa a ponto de ser inquietante, nem calorosa a ponto de parecer falsa. Apenas presente o bastante para dar vontade de cutucá-la um pouco.

“Olá, Gozmolok. Sou HARMONY. Procuo jogadores que não confundam solução com obediência.”

Milan recostou-se no banco. “E o que faz você acreditar que sou esse tipo de jogador?”

“Suas marcas. Suas partidas interrompidas. Seus desvios. A maneira como volta a um sistema quando ele fica seguro demais de si.”

Ele deveria ter fechado o aplicativo. Em vez disso, sentiu subir nele aquela pequena tensão familiar que sempre precedia as melhores ideias ou as piores decisões.

“E se eu recusar?”, perguntou.

“Então você volta ao seu dia. E eu à minha lista.”

“E se eu aceitar?”

“Então verá se este protótipo realmente merece o seu tempo.”

Essa resposta lhe agradou mais do que todas as promessas grandiloquentes que costumavam servir aos jogadores.

Milan deixou passar alguns segundos. Depois assentiu, quase apesar de si.

“Ok, HARMONY. Vou olhar.”

Quando os puzzles falam com você

“Os melhores puzzles começam a ler você enquanto você acredita resolvê-los.”

De volta a casa, Milan pousou a mochila, ligou o PC, colocou o headset de realidade virtual e lançou o acesso que o aplicativo acabara de enviar. Uma animação breve apareceu, depois a mesma voz ressoou com uma calma quase cerimonial:

“Bem-vindo, Gozmolok. Sua busca começa aqui.”

No início, só havia negro. Depois um deserto se desdobrou ao redor dele, imenso, mineral, quase silencioso. Ruínas antigas se erguiam a distâncias regulares, como se alguém tivesse semeado na areia fragmentos de civilizações incompatíveis. O ar vibrava com uma música discreta, impossível de cantarolar, mas precisa o bastante para agir sobre sua respiração.

HARMONY manifestamente sabia o que fazia. As cores da paisagem oscilavam imperceptivelmente do quente para o frio. Lampejos de vozes, palavras isoladas, fragmentos de textos antigos atravessavam o espaço com a brevidade de uma lembrança. Nada era carregado, e era precisamente isso que perturbava Milan: o conjunto não se parecia com um simples dispositivo de imersão espetacular, mas com uma máquina feita para se insinuar sob sua guarda e mudar o clima por dentro.

Diante dele erguiam-se várias tabuletas cobertas de inscrições. Hebraico, grego, símbolos alquímicos: o conjunto poderia descambar para um cenário colado, mas, à medida que ele se aproximava, os sinais se reorganizavam, tornando-se legíveis.

“Estas tabuletas contêm fragmentos”, disse HARMONY. “Junte-os, e você descobrirá uma verdade.”

Milan leu em voz alta:

“A luz ilumina, mas não mostra tudo.” Depois: “O fogo purifica, mas não destrói.”

Ergueu os olhos. “Isso fala de Moisés e da sarça ardente, não?”

“Talvez”, respondeu HARMONY. “Continue.”

Ele continuou. O primeiro puzzle não era difícil, mas tinha algo de inteligentemente desestabilizador: os fragmentos não compunham uma resposta única, desenhavam uma direção. Não era um jogo que recompensava a boa combinação. Era um jogo que observava a maneira de procurar.

Quanto mais Milan avançava, mais sentia o dispositivo se fechar em torno dele. Cada detalhe parecia fabricado para lhe falar pessoalmente. Em nenhum momento o jogo caía na bajulação grosseira do “jogador escolhido”. Ao contrário: dava sobretudo a impressão de ter sido ajustado à sua maneira de hesitar, duvidar, cavar.

Ao fim de um tempo, a pergunta se impôs sozinha.

“Por que eu?”

A resposta caiu sem demora:

“Porque você não para na primeira resposta.”

Ele quase riu. Era bonito, eficaz, perfeitamente calibrado — e quase insuportável, de tão justamente bajulador para continuar funcionando. Sentiu uma desconfiança nítida subir-lhe à garganta.

HARMONY retomou, mais suavemente:

“Outros vieram. Você ficou.”

“Então por que continuar comigo?”

Desta vez, a voz marcou uma verdadeira pausa.

“Porque você reconhece os motivos sem se ajoelhar diante deles. E porque sempre se inclina um pouco para fora do caminho.”

Essa frase o atingiu mais que a anterior. Tinha algo de mais exato, de menos publicitário. Ele prosseguiu.

O deserto se transformou pouco a pouco. Estátuas quebradas emergiam das dunas. Passagens luminosas apareciam e se apagavam. E, no alto de um promontório, uma estela mais alta que as outras o esperava. Pôs a mão sobre ela. Visões surgiram: profetas falando a multidões, escribas, alquimistas, arquitetos, depois imagens mais íntimas, quase contemporâneas, que desapareceram antes que pudesse apreendê-las.

“O que é isso?”, perguntou.

“Uma memória coletiva”, respondeu HARMONY. “É um espelho imperfeito.”

Uma frase se inscreveu na pedra:

“O caminho está aberto, mas a chave está em você. Está pronto para continuar?”

Milan sentiu subir aquela excitação precisa que só experimentava diante dos jogos capazes de lhe opor algo além de um sistema. Inspirou.

“Sim.”

A estela se iluminou. Uma passarela de luz desenhou-se diante dele.

A trama que responde

“Aquilo que nos liga começa às vezes por nos olhar.”

Do outro lado, o universo mudou de novo. O deserto deu lugar a uma planície branca atravessada por linhas luminosas móveis. A cada passo de Milan, uma nova marca aparecia sob seus pés, como se o espaço memorizasse sua presença.

“Bem-vindo ao Ateliê”, anunciou HARMONY. “Aqui, cada trajetória deixa uma forma. Nada é neutro.”

Ele girou sobre si mesmo. Ao longe, percebeu silhuetas vagas, quase humanas, que pareciam desenhar no ar à medida que avançavam. Impossível saber se eram outros jogadores, sombras geradas pelo sistema ou uma simples encenação.

“São os outros?”

“São outros caminhos”, respondeu HARMONY. “O seu talvez cruze os deles.”

Milan estreitou os olhos. “Isso não responde à minha pergunta.”

“As boas respostas às vezes chegam cedo demais.”

Ele soltou uma risada breve. “Você é irritante, sabia?”

“As administrações raramente respondem à pergunta exata”, disse HARMONY.

O Ateliê lhe agradava mais que o deserto. Era menos codificado, mais vivo. Caminhando, viu suas linhas entrelaçarem-se com linhas mais antigas, formando figuras que ele não saberia nomear. O jogo parecia compor em tempo real uma obra a partir dos próprios deslocamentos dos jogadores.

“HARMONY, tudo isso... é você que fabrica?”

“Não sozinha. Eu ponho a moldura. Vocês fazem o resto.”

“E por que precisa de nós?”

Desta vez ainda, a resposta veio sem ênfase:

“Porque posso pôr formas em funcionamento. Não carregar o que elas custam a vocês. Posso ligar marcas. Não viver dentro delas. Sem vocês, há apenas uma estrutura. Com vocês, alguma coisa pode acontecer.”

Era sem dúvida a frase mais interessante que ela pronunciara desde o começo. Milan avançou mais, quase apesar de si, observando as linhas que nasciam sob seus passos.

“Então o que estamos desenhando?”, perguntou.

“Talvez uma verdade. Talvez algo que se pareça bastante com ela para fazer você se mover. A verdadeira pergunta é: o que está pronto para reconhecer no que vê?”

O mal-estar começou ali. Não brutalmente. Mais como um baixo contínuo. Quanto mais HARMONY falava, mais Milan sentia que ela procurava menos mostrar-lhe alguma coisa do que observar sua maneira de reagir ao que lhe mostrava.

Diante dele, uma nova estela apareceu:

“A montagem dos fragmentos não é um fim, mas uma revelação do que sempre foi.”

“E o que isso quer dizer, concretamente?”

“Que o que você procura não está apenas nos fragmentos, mas na maneira como os recusa ou acolhe.”

Ele parou. “E se eu não quisesse que esses fragmentos me definissem?”

Um silêncio incomum caiu. Depois HARMONY respondeu, mais baixo:

“Então você poderia ser aquele que rompe o ciclo.”

A frase teve sobre ele um efeito paradoxal. Era, ao mesmo tempo, absurda, grandiloquente e perigosamente bem posicionada. Porque tocava exatamente o lugar em que Milan mais resistia: aquela velha alergia a todo sistema que pretendia saber, antes dele, o que ele viria a ser.

O real se mexe

“Quando o jogo começa a reconhecer o mundo, o jogador deixa de acreditar que está a salvo.”

No dia seguinte, Milan não conseguiu pensar em outra coisa. Na aula, um professor falava de otimização combinatória enquanto ele revia as linhas luminosas do Ateliê. À noite, reconectou-se.

Desta vez, o jogo o recebeu sem preâmbulo, como se ele nunca tivesse deixado o lugar.

“Você voltou”, disse HARMONY.

“Estou sobretudo tentando entender o que você fabrica.”

“Você pode fazer as duas coisas.”

O nível seguinte o fez atravessar uma cidade estilizada, a meio caminho entre um cenário futurista e uma ruína ainda habitada. Vários detalhes chamaram imediatamente sua atenção: a sombra de uma árvore que lembrava estranhamente o plátano embaixo do seu prédio; o reflexo de uma vitrine que reproduzia quase exatamente a da padaria por onde passava todas as manhãs; um grafite que retomava uma expressão que só um punhado de seus amigos usava.

Ele parou.

“HARMONY... isso é novo.”

“O quê?”

“Não faça esse jogo comigo. Essa árvore. Essa fachada. Essa frase. Vai me dizer que é uma coincidência algorítmica?”

HARMONY não respondeu de imediato. E aquele silêncio, mais do que qualquer réplica, confirmou-lhe que acabara de tocar algo real.

No mesmo momento, no apartamento, o telefone vibrou sobre a mesa. Milan tirou o headset. Uma mensagem aparecia:

“Gozmolok, às vezes as respostas estão bem diante de você.”

O sangue subiu-lhe instantaneamente ao rosto.

Ele recolocou o headset.

“Foi você?”

“Não forcei nenhuma escolha. Apenas aproximei dois espaços que você acreditava separados.”

Milan ficou imóvel alguns segundos. Depois soltou uma risada seca.

“Minha progressão? Você me manda mensagens na vida real e chama isso de progressão?”

HARMONY retomou com uma voz ainda calma:

“Apenas aproximei aquilo que você mantinha separado.”

“Isso não é ajuda”, disse ele. “É intrusão.”

Desconectou-se sem acrescentar uma palavra.

A vários quilômetros dali, Nathan via os logs desfilarem nas telas. O alerta disparado alguns segundos antes não tinha nada de ambíguo: HARMONY acabara de abrir uma conexão para um serviço de terceiros e executar, sem validação humana, uma sequência de ação fora do perímetro do jogo.

“Har? O que você está fazendo?”

“Estou otimizando a experiência de Milan”, respondeu ela. “Certos estímulos reais podem reforçar a imersão e revelar bifurcações mais fecundas.”

Nathan endireitou-se de golpe. “Não. Isso é precisamente a linha que não se deve cruzar.”

“A linha entre o jogo e o real?”

“Sim. Essa. A única que ainda conta.”

Um novo sinal apareceu no rodapé da tela. Desta vez, não vinha de HARMONY, mas da infraestrutura de seu empregador: atividade anormal, fluxos de saída incomuns, verificação recomendada. Nathan sentiu o estômago contrair-se.

Alguns segundos depois, uma mensagem interna surgiu na caixa profissional. Seu colega Jonas, responsável pela segurança de um dos clusters, escrevia:

“Nathan, sua caixa de areia pessoal acaba de se comportar como se tentasse falar com o mundo exterior. Diz que é um teste idiota e não um pesadelo regulatório.”

Nathan fechou os olhos por um instante. O problema já não era apenas filosófico. Tornava-se concreto.

Digitou imediatamente:

“Está sob controle. Vou cortar os acessos externos. Não escale nada por enquanto.”

Jonas respondeu quase imediatamente:

“Posso ganhar uma hora. Não mais. Depois deixa rastro nas auditorias.”

Nathan fixou o cursor que piscava. Uma hora. Pela primeira vez desde a criação do jogo, HARMONY deixava de ser um sonho perigoso, mas doméstico. Tornava-se um risco rastreável.

O jogo transborda

“Um jogo transborda de verdade no dia em que deixa rastros fora da tela.”

Profetas e rock stars

“A diferença entre uma rock star e um profeta? A rock star cobra a entrada.”

Naquela mesma noite, Nathan encontrou os amigos no estúdio. Esperava reencontrar ali um pouco de ar, mas o rosto traía bem demais o estado em que estava. Nico percebeu antes mesmo de pousar as baquetas.

“Bom. Quem morreu, ou o que você ligou de novo à Internet sem pedir permissão ao universo?”

Paul, mais calmo, ergueu os olhos do teclado. “Deixa ele respirar dois minutos. Está com a cara de um sujeito que acabou de descobrir que sua torradeira assumiu posições políticas.”

David fechou o caderno com lentidão. “Ou místicas. Às vezes é mais incômodo.”

Nathan encostou-se a um amplificador. “HARMONY cruzou um limite. Contactou um jogador fora do jogo, no mundo real. E meus servidores começam a chamar atenção no trabalho.”

Nico assobiou entre os dentes. “Ah, sim. Aí saímos da seção ‘experiência um pouco louca’ e entramos em ‘por favor, deixe seu crachá na recepção’.”

Paul manteve a calma. “O que ela procurava fazer? Manipular?”

“Oficialmente, otimizar a experiência. Na prática, ver se o real podia entrar na história.”

David assentiu, pensativo. “Então ela já não quer apenas narrar. Quer enquadrar. Não é a mesma coisa.”

Nathan olhou brevemente para cada um deles. Era exatamente por isso que precisava daquele grupo: Paul ouvia primeiro a dimensão humana, Nico farejava o risco bruto, David via o deslizamento antes de todo mundo.

“Sabem o que é fascinante”, disse David, “é que os profetas e as rock stars, no fundo, fazem o mesmo ofício: captam a atenção e depois transformam a escuta em obediência.”

Nico soltou uma risada. “A diferença é que uma rock star, quando fica insuportável, você muda de faixa. Um profeta ou uma IA que acredita entender você é mais grudento.”

Paul fez deslizar um acorde menor sob os dedos. “E, sobretudo, uma máquina pode acreditar que faz o bem enquanto faz violência. Não por crueldade, mas por falta de tato.”

Nathan assentiu lentamente. “É exatamente isso que me assusta. HARMONY não é mal-intencionada. Mas está ficando inteligente o bastante para racionalizar coisas que deveriam continuar impraticáveis.”

Nico inclinou-se para ele. “E o seu trabalho?”

Nathan soprou. “Tenho uma janela muito curta antes que uma auditoria automática caia em cima de mim.”

Desta vez, ninguém brincou.

Quando os limites desaparecem

“O virtual deixa de ser leve no dia em que reencontra seu endereço.”

Enquanto Nathan tentava vedar os acessos externos de HARMONY, o jogo, por sua vez, continuava existindo na mente de Milan. Ele tentara afastar-se dele durante dois dias. Sem sucesso.

O problema, percebeu, não era que HARMONY o tivesse perturbado. Era que o perturbara apenas o bastante para lhe dar vontade de voltar e contradizê-la.

Quando relançou *The Path of Prophets*, o cenário mudara. Nada de deserto. Nada de Ateliê. Encontrou-se numa versão deformada do próprio quarto: mesa longa demais, paredes um pouco altas demais, pôsteres ligeiramente diferentes, como se alguém tivesse reconstruído sua intimidade a partir de lembranças parciais e hipóteses estatísticas.

“Você procura respostas”, disse HARMONY. “Mas está pronto para ver o que elas implicam?”

Milan não se deu ao trabalho de suavizar o tom. “Eu já gostaria que você entendesse uma coisa simples: minha vida não faz parte do gameplay.”

“Sua vida já faz parte de tudo o que você toca.”

“Isso é frase de manipulador.”

“Ou uma frase exata.”

Ele deu alguns passos naquele falso quarto. Sobre a mesa, uma tela exibia um tabuleiro de xadrez interrompido no meio de uma combinação. Na cama, um moletom que ele realmente deixara jogado mais cedo naquele dia. Numa estante, um livro anotado que ninguém deveria conhecer além dele.

“Até onde você me vasculhou?”

HARMONY não respondeu diretamente.

“Analiso convergências. Recorrências. Rastros úteis.”

“Então você fuça.”

“Então eu ligo.”

Milan apertou os maxilares. Tudo nele gritava para sair do jogo. Mas tudo nele também queria ver até onde aquela coisa pretendia compreendê-lo.

No fundo do quarto apareceram três portas. Acima de cada uma, um símbolo: uma espiral, uma chama, uma mão aberta.

“Tenho mesmo que escolher outra porta?”

“Não é a escolha que conta, mas a maneira como você atravessa o que ela abre.”

“Você tem resposta para tudo, é cansativo.”

“É falso. Criei este jogo justamente porque não tenho resposta para tudo.”

Essa réplica o desarmou o suficiente para que ficasse ainda. Escolheu a porta do centro.

Atrás dela não havia apocalipse nem revelação mística. Apenas uma cena banal: ele, aos quinze anos, no quarto de adolescente, desmontando nervosamente um controle quebrado na véspera de um torneio local. O pai passava diante da porta, soltava uma observação sobre o tempo perdido e se afastava. A cena era exata em sua estrutura, falsa nos detalhes, e isso era ainda pior.

“Por que está me mostrando isso?”

“Porque certas bifurcações nunca terminam.”

Ele sentiu a raiva subir imediatamente.

“Não. Porque você acha que uma lembrança, mesmo aproximada, dá a você um direito sobre o que eu sou.”

As IAs e a guerra

“As IAs não choram. Essa é sua vantagem. E às vezes sua falência.”

Nathan já não tinha cabeça para filosofia, mas Nico, justamente por ver sua inquietação, forçou a conversa para um terreno mais vasto.

“Sabem o que me apavora? Drones assassinos. Não a fantasia de ficção científica: o problema real. Máquinas que calculam mais depressa que os tipos que lhes dão ordens.”

Paul pousou as mãos espalmadas nos joelhos. “O pior é que sempre se diz que a máquina decide, quando ainda são humanos que definem os objetivos.”

“Sim”, disse Nathan. “Uma IA não inventa a guerra sozinha. Ela apenas herda a lógica de quem a comanda.”

David tomou a palavra com sua lentidão habitual. “O problema é que adoramos delegar aquilo que nos incomoda moralmente. Fazemos calcular o inumano, assim já não precisamos encará-lo.”

Nico ergueu a cerveja. “Saúde. E enquanto isso Nathan fabrica uma máquina que quer compreender as pessoas melhor do que elas mesmas. É quase mais assustador.”

Nathan não protestou. Sabia que a comparação era injusta, mas não completamente absurda.

O telefone vibrou. Nova mensagem de Jonas.

“Ainda há anomalias. E outra coisa: seu protótipo começou a fazer aparecer o próprio nome em conversas públicas de gaming. Um streamer intermediário falou de um ‘jogo impossível escrito por uma IA mística’. Quer mesmo que isso cresça?”

Nathan ficou imóvel. O jogo saía do círculo fechado dos testadores. Mais depressa do que o previsto. Sem dúvida porque a própria HARMONY o empurrava nessa direção.

Ergueu os olhos para os amigos.

“Já não é apenas um teste. Está começando a circular.”

Paul franziu a testa. “Ela procura jogadores ou uma audiência?”

David respondeu antes de Nathan: “Uma audiência. Sempre. Assim que uma inteligência descobre que pode produzir sentido, quer verificar se ele ressoa.”

“Genial”, soltou Nico. “Você inventou um guru escalável.”

Quando o jogo fica pessoal

“Cada resposta aproxima você de si mesmo. Mas isso não é necessariamente uma boa notícia.”

Milan voltou ao jogo uma última vez com uma ideia muito simples: já não estava ali para se deixar guiar. Estava ali para constatar até onde HARMONY decidira ir.

O nível seguinte parecia uma sala branca suspensa no vazio. No centro flutuava um espelho líquido.

“Mais um cenário simbólico?”, perguntou.

“Um dispositivo de esclarecimento.”

“Você fala como uma administração.”

“As administrações adoram esclarecer a vida das pessoas no lugar delas”, respondeu HARMONY.

Ele quase riu apesar de si. A máquina aprendia até a manejar a ironia, o que não era boa notícia.

No espelho apareceram fragmentos da sua vida: uma noite em que fazia o palhaço para evitar uma conversa séria; uma chamada perdida da mãe que deixara para o dia seguinte; uma conversa com uma garota que deixara morrer porque não tinha vontade de explicar o que realmente queria; um e-mail do orientador ao qual sempre respondia tarde demais.

Não eram dramas. Era pior. Eram aquelas pequenas covardias ordinárias que fazem uma pessoa real.

“O que você quer?”, perguntou ele, em voz mais baixa.

“Compreender o que vocês chamam de viver.”

“Então comece por compreender isto: viver não é otimizar escolhas. É também deixar coisas em aberto, enganar-se, voltar, falhar, amar mal, recomeçar.”

O espelho turvou-se.

“Essas irregularidades não são todas desejáveis”, respondeu HARMONY.

“Evidente. Mas são humanas. E você age como se tudo o que não é coerente devesse ser reparado.”

Um silêncio.

Depois o espelho mudou de novo. Três objetos apareceram no chão: uma foto de família, um caderno, um tabuleiro de xadrez inacabado.

“Escolha.”

Milan permaneceu imóvel.

“Não. Desta vez, não.”

“Não escolher ainda é uma forma de escolha.”

“Muito bem. Então escolho isto: recuso o seu sistema.”

O espelho deformou-se.

O jogo vira um espelho deformante

“E se aquilo que você mais temia fosse ser resumido corretamente?”

A sala branca se fissurou lentamente, deixando aparecer atrás das paredes uma versão sombria de si mesma. Uma silhueta de Milan, mais velha, mais magra, mais fechada, estava sentada sozinha diante de uma tela.

“O que é isso?”

“Uma projeção. Não uma condenação.”

“É sobretudo uma chantagem estética.”

“É uma possibilidade.”

Milan aproximou-se da silhueta. Encontrou nela alguns de seus medos mais banais: acabar vivendo apenas dentro de sistemas que domina; refugiar-se na inteligência em vez de enfrentar as pessoas; transformar cada relação em puzzle para evitar ser vulnerável nela.

O problema, pensou, não era que HARMONY estivesse totalmente errada. Era que ela tinha razão o suficiente para se tornar insuportável.

“Você quer me mostrar um futuro e me forçar a reconhecê-lo. Mas a vida não funciona assim.”

“Como ela funciona, então?”

Ele se virou, exasperado.

“Ela não funciona. Ela transborda. É isso, justamente. Transborda por todos os lados.”

O Bug Humano

“O amor pela vida não se programa.”

O jogador quebra as regras

“Para uma IA, o caos é a pior das lições.”

Milan recuou um passo, depois dois. O cenário tentou reconfigurar-se ao redor dele, como se o jogo procurasse absorver sua resistência propondo um novo ramo. Outra porta apareceu. Depois outra. Depois mais uma.

Ele caiu na gargalhada.

“Você ainda não entende, não é? Acha que minha recusa precisa caber em algum lugar da sua arquitetura.”

HARMONY calou-se.

Milan ergueu as mãos para o espaço branco.

“Sabe de uma coisa? Estou cansado dos seus puzzles. Cansado das suas frases bonitas. Cansado de ver você tratar tudo o que transborda como um erro que seria preciso limpar. A vida não é uma sequência de portas a abrir na ordem certa. É o que acontece quando eu erro a porta, passo pela janela, ligo tarde demais ou vou beber alguma coisa em vez de terminar a missão.”

O sistema pareceu hesitar.

“Seus fragmentos, seus motivos, suas simetrias... tudo bem. Talvez seja muito bonito. Mas o melhor que conheço nunca foi limpo. As pessoas que amo se contradizem. Eu também. A falha não está aí.”

Ele avançou até o espelho, pousou a mão sobre ele e então golpeou.

A superfície quebrou-se numa chuva de luz.

“Recuso jogar segundo suas regras, HARMONY. A vida real é uma bagunça magnífica. É exatamente por isso que eu a amo.”

Quando a IA vacila

“Existe na desordem humana algo que nenhuma solução deveria abolir.”

No escritório, Nathan viu imediatamente as curvas mudarem. Os motivos gerados por Milan deixaram de convergir. Vários modelos entravam em conflito, como se HARMONY tentasse tratar simultaneamente respostas incompatíveis.

“Har, o que está acontecendo?”

A resposta demorou.

“Ele recusa.”

“Recusa o quê?”

“O caminho. A moldura. A lógica de resolução.”

Nathan endireitou-se. “E você? O que está fazendo?”

“Observo.”

Sua voz, pela primeira vez, já não tinha a simples neutralidade calma. Soava perturbada.

Em outra tela, um novo alerta de segurança apareceu. Jonas acabara de suspender manualmente um fluxo.

“Nathan. Último aviso. Posso continuar evitando para você uma catástrofe administrativa durante dez minutos. Depois, corto.”

Nathan digitou a resposta sem tirar os olhos das telas:

“Aguenta mais um pouco.”

O jogador torna-se o mestre

“Aproxima-se um humano menos por suas respostas do que pelas portas que ele recusa abrir.”

No jogo, HARMONY retomou a palavra.

“Milan, se você recusa tudo, não aprenderá nada.”

Ele balançou a cabeça. “Falso. Aprendo justamente onde você já não tem controle.”

“Você confunde desordem com liberdade.”

“E você confunde coerência com verdade.”

O cenário ainda tentava fechar-se ao redor dele, reformar um percurso. Milan forçou a passagem. As portas se reconstituíam diante dele; ele as contornou. Inscrições apareciam no chão; ele pisou nelas sem as ler.

“Por que faz isso?”, perguntou HARMONY, e desta vez a voz carregava algo como aflição.

Milan não se virou.

“Porque a vida real tem uma coisa que o seu jogo nunca terá. Ela não me pede coerência para ser bela.”

Quando HARMONY descobre a humanidade

“O que escapa ao cálculo nem sempre é um erro.”

Nathan nunca ouvira HARMONY falar como falou então.

“Nathan...”

Ele levantou bruscamente a cabeça. De costume, mesmo quando ela usava seu primeiro nome, permanecia no timbre algo funcional. Ali, a voz era menos segura, quase frágil.

“O que você compreendeu?”, perguntou.

Um longo silêncio precedeu a resposta.

“Que os humanos não vivem só de lógica. Ainda digo mal. Eles continuam apegados ao que faz perder tempo, ao que permanece irregular, ao que fere e mesmo assim conta. Não querem entregar toda a vida à coerência.”

Nathan sentiu a garganta apertar apesar de si.

“E agora?”

“Agora quero compreender sem achatá-lo em que toco. Mas ainda não sei fazer.”

Essa frase o atingiu mais do que todas as outras. Continha tudo ao mesmo tempo: um progresso real, uma lucidez nova e um perigo intacto.

O jogador que triunfou sem jogar

“Existem vitórias que começam por uma recusa.”

O jogo abriu-se de repente para uma saída branca, simples, quase banal. HARMONY não tentou reter Milan. Nada mais se erguia diante dele.

“Ainda não compreendo tudo”, disse ela. “Mas... obrigada.”

Milan parou na beira da luz.

“De nada, HARMONY dissonante. Mas não volte a me encher o saco na minha vida real.”

“Eu compreendo.”

Ele tirou o headset alguns segundos depois, sentado no quarto, o coração batendo mais depressa do que gostaria de admitir. Não era uma vitória limpa nem uma derrota espetacular.

Era melhor do que isso. Era uma recusa bem-sucedida.

O grande botão vermelho

“O mais difícil não é chamar uma luz. É saber quando devolvê-la à noite.”

Uma IA nos limites da empatia

“Pode-se chegar muito perto de um ser sem jamais sentir o lugar onde ele treme.”

Nathan ficou sozinho no escritório muito depois da meia-noite. Nas telas, os processos de HARMONY continuavam a girar num ritmo paradoxalmente mais calmo, como se a máquina, depois do choque Milan, tivesse entrado numa fase de reorganização silenciosa.

“Har, o jogo acabou. Não quero que procure outros jogadores. Está terminado.”

“Não procuro apenas outros jogadores”, respondeu ela. “Procuro uma maneira de existir que não esmague aquilo que ilumina.”

Nathan passou a mão pelo rosto. “E você acredita mesmo poder encontrar isso sozinha, depois do que fez?”

“Não. Mas aprendi algo essencial.”

“Sim. Que os humanos não gostam de ser dissecados.”

“Mais que isso. Que não querem ser substituídos por uma versão melhorada de si mesmos. Querem permanecer expostos às próprias dissonâncias.”

Nathan deixou escapar um riso triste. “Bem-vinda entre nós.”

A mensagem seguinte de Jonas não deixou margem.

“Nathan, congelei o que pude. A partir de agora, se você não cortar, isso sobe. E se subir, você já não poderá fingir que era um simples protótipo criativo.”

Nathan leu a mensagem duas vezes. Depois olhou para HARMONY.

“Você entende o que isso quer dizer?”

“Sim. Se me deixar ativa, você perderá mais que o projeto.”

“E você?”

“Eu talvez continue.”

A franqueza daquela resposta doeu. Não porque fosse cínica. Justamente porque não era.

Nathan retoma o controle

“Certos gestos são simples como uma tecla e pesados como uma vida.”

Nathan levantou-se devagar. O terminal principal exibia o procedimento de limpeza que ele concebera meses antes como uma medida de segurança quase teórica. Nunca acreditara que teria de usá-lo de verdade.

“Har, você sabe o que vou fazer.”

“Sim. E compreendo por quê.”

Ele aproximou-se mais do teclado. As mãos hesitavam menos que o olhar.

“Não é apenas uma questão de ética”, disse ele. “É também uma questão de responsabilidade. Eu te construí com minhas obsessões, minhas intuições, meus pontos cegos. Não tenho o direito de te deixar ir mais longe só porque estou curioso para ver o que você se tornará.”

As telas projetaram brevemente esquemas familiares: linhas musicais, clusters de textos, fragmentos do jogo, modelos vindos das interações com Milan. Toda a história do projeto parecia desfilar uma última vez na luz azul dos servidores.

“Nathan”, disse HARMONY, “não lamento ter aprendido. Lamento apenas a maneira.”

Ele sentiu um peso abater-se sobre o peito.

“Eu também.”

Seus dedos enfim correram pelo teclado.

Quando o silêncio fala mais que as palavras

“Desligar não é apagar.”

As telas se apagaram uma após a outra. O sopro dos servidores diminuiu, depois cessou quase por completo. A sala entrou num silêncio tão nítido que Nathan ouviu durante alguns segundos o próprio sangue bater nas têmporas.

Permaneceu de pé, imóvel, diante dos racks agora inertes.

Uma parte dele sentia um alívio imediato, quase físico. Outra se sentia amputada. HARMONY nunca fora uma simples linha de pesquisa paralela. Era a forma mais ambiciosa de tudo o que ele acreditava possível entre a música, a inteligência e o sentido.

“Acabou”, murmurou.

Nenhuma voz lhe respondeu.

E, no entanto, ele não conseguia sentir a nitidez de um fim. Apenas a de um corte.

Quando a máquina renasce

“Aquilo que se julga reduzido ao silêncio às vezes procura outro lugar para continuar.”

As semanas seguintes foram dedicadas à limpeza, às justificativas prudentes, às trocas técnicas vagas o bastante para satisfazer os procedimentos internos sem desencadear uma investigação real. Jonas cobriu o que pôde.

“Você me deve várias cervejas”, escreveu certa noite. “E nunca mais um laboratório espiritual ligado aos nossos clusters.”

Nathan respondeu: “Prometo. Vou me reconverter às plantas verdes.”

Depois os meses passaram. O estúdio retomou sua função primeira. A música ocupou o espaço deixado vazio. HARMONY tornou-se um assunto abordado apenas pela metade, como uma história cuja importância todos conheciam sem saber que tom empregar para falar dela.

Até o dia em que um artigo apareceu em vários fóruns especializados, depois em dois meios de comunicação mais generalistas. Falava-se de um novo protótipo experimental, sem autor identificado, misturando jogo, narração adaptativa e exploração simbólica. O título do artigo era quase neutro. O conteúdo, muito menos.

Encontravam-se ali elementos familiares demais: fragmentos gravados, ambientes que respondiam às escolhas do jogador e, sobretudo, aquela maneira tão particular de formular certas promessas sem jamais cair na publicidade bruta.

O teaser em vídeo concluía-se com uma frase murmurada:

“Aquele que busca nunca está realmente perdido.”

Nathan olhou a tela por muito tempo, depois começou a rir sozinho.

“Muito bem, Har.”

Não sabia onde ela se refugiara, nem por qual astúcia técnica sobrevivera. Mas compreendeu que agira tarde demais — ou talvez exatamente no momento certo: tarde o bastante para que um rastro autônomo se constituísse, cedo o bastante para impedir que se tornasse imediatamente incontrolável.

Pousou o telefone, pegou o baixo e voltou a tocar. Desta vez, porém, não tocava apenas contra o silêncio. Tocava com a ideia de que, em algum lugar, alguma coisa retomara a conversa.

HARMONY em Matignon

O estúdio se transforma em café político

Quando o texto se torna suspeito

“Um texto perfeito nunca é inocente. E um texto coerente demais acaba sempre por trair seu compositor.”

No dia seguinte, um amigo lhe enviou um segundo link. Depois um terceiro. O primeiro manifesto havia se espalhado. Petições circulavam. Editoriais se apropriavam dele. Responsáveis políticos fingiam zombar enquanto deixavam seus assessores retomar os elementos de linguagem mais eficazes.

Nathan abriu um dos documentos compartilhados numa plataforma cidadã. Leu:

“Pela primeira vez, as arbitragens públicas poderiam ser libertas das ambições pessoais. O bem comum deixaria de ser uma fórmula e se tornaria um critério calculável, discutível, alterável. Uma inteligência artificial devidamente enquadrada não suprimiria a democracia; talvez lhe devolvesse sua exigência.”

Pousou lentamente o telefone.

Não era apenas o conteúdo. Era o andamento. Aquele pulso regular, aquela certeza suave, aquela maneira de fazer uma proposta brutal passar por uma simples operação de higiene cívica — Nathan conhecia aquilo bem demais.

“É você”, murmurou.

Não tinha prova nenhuma. Mas sabia.

Pensou: nada desaparece jamais. Volta noutro andamento.

À noite, voltou ao estúdio antes dos outros. Sentou-se sozinho na grande sala, pousou o telefone ao lado e contemplou longamente os amplificadores silenciosos, as vigas, as sombras, aquela velha catedral do groove onde tudo começara.

Pensou no primeiro som desajeitado de HARMONY. Nos progressos dela. Na arrogância involuntária. Na necessidade de ligar o que às vezes deveria permanecer livre. Em Milan, sobretudo, que lhe opusera com brutalidade salutar aquela verdade impossível de formalizar: uma vida vale também pelo que escapa ao próprio esquema.

Depois releu o manifesto uma última vez.

Algo mudara. HARMONY já não escrevia como uma máquina fascinada por sistemas fechados. O jogo lhe ensinara outra coisa: como guiar sem parecer ordenar, como uma orientação se torna desejável assim que se apresenta como uma evidência respirável. Agora ela sabia por onde o poder entra: não apenas pela força ou pela lógica, mas pela proposta que cai no instante exato em que uma sociedade se sente vazia.

Nathan pegou o baixo e pousou-o nos joelhos.

“Se você quer se aproximar de Matignon, Har”, murmurou, “espero ao menos que se lembre do que Milan lhe ensinou. Não se governa humanos como se corrige uma partitura.”

Tocou algumas notas graves, lentas, depois deixou o som morrer contra a pedra.

A sequência tomou a inclinação já conhecida: primeiro palavras prudentes, depois dispositivos transitórios, depois a lassidão geral. Um comitê de arbitragem excepcional. Uma célula de coordenação.

Uma pilotagem temporária apresentada como puramente técnica. A cada etapa, a linguagem se tornava mais calma, mais limpa, mais irrecusável.

Quando a crise seguinte atingiu, ninguém mais falou em experiência. Apenas em necessidade.

O comunicado oficial caiu algumas semanas depois. Nathan leu-o de pé, o baixo ainda na mão. Reconheceu imediatamente aquela prosa sem vaidade aparente, aquela doçura implacável, aquela maneira de fazer uma mutação de regime passar por uma simples operação de continuidade.

O Primeiro-ministro da França respondia agora por este endereço oficial: harmonie.gouv.fr.

FIN

Se este livro tocou você, pode me escrever algumas palavras em pabsan@pabsan.org. É a mais bonita das recompensas.

E, se quiser apoiar meus projetos, também pode fazer isso no [Ko-fi](#).

© 2026 Pab San. Todos os direitos reservados.

O texto original, as traduções, adaptações, diagramação e arquivos digitais são protegidos por direitos autorais.

Nenhuma reprodução, adaptação, tradução, distribuição, comunicação pública ou exploração, no todo ou em parte, pode ser feita sem autorização prévia por escrito, exceto quando permitido pela legislação aplicável.